

Olá, professora! Olá, professor!

Esse material foi preparado com muito carinho para trazer a você algumas possibilidades de trabalho focadas em aprofundar a experiência das/os estudantes ao assistirem ao espetáculo Criança que canta também dança.

Sabemos que a proposta chegará a diferentes escolas, com diferentes realidades, por isso ela tem principalmente um caráter de inspiração. Convidamos você a adaptá-la conforme seu contexto de trabalho, território ao qual a escola pertence, bem como suas experiências e intenções didáticas, e os interesses de seu grupo de estudantes.

Em tempos de tantas incertezas e desigualdades sociais, em que as inúmeras violências diárias nos transpassam, a ponto de nos sentirmos adoecidas/os, a arte é uma importante aliada na ampliação de nossas possibilidades de ressignificação do mundo e de elaboração de nossas emoções mais profundas: medos, desejos, tristezas, alegrias, raivas e esperanças. Nela e com ela, podemos acessar caminhos de reconstrução de nós mesmas/os para encontrar possibilidades de regeneração (ainda mais necessária nos momentos de crise). Especificamente neste trabalho, destacamos a música e a dança como motor de transformação individual e coletiva.

Raízes da formação da música popular brasileira

Para pensar a formação da música popular brasileira, é preciso partir da própria formação do Brasil como país. A narrativa disseminada por anos nas aulas de História, na mídia e nos materiais didáticos de que o nosso país foi descoberto pelos portugueses não é mais aceitável. Isso porque o território em questão já era habitado por inúmeras populações originárias e foi invadido, ocupado e saqueado pelos colonizadores europeus.

Ao chegarem aqui, eles escravizaram parte da população indígena que habitava a região, além de terem sequestrado pessoas de várias partes do imenso território africano, trazendo-as como escravizadas para trabalharem nessas terras, que, só a partir da invasão europeia, passaram a ser chamadas de Brasil.

Sem esquecer da imensa violência que esse processo representou e representa até os dias de hoje, as chamadas grandes navegações geraram, ou ao menos ampliaram para um nível mundial, trocas culturais riquíssimas entre diferentes povos e tradições.

Nesse sentido, a partir da fundação do Brasil, no encontro entre as populações indígena, africana e portuguesa, deu-se início à gestação de inúmeras tradições, manifestações, hábitos e costumes nas mais diversas áreas: culinária, vestimenta, religiosidade, arte, língua, arquitetura, etc.

Em todas elas, houve uma composição entre os aspectos da cultura dos diferentes povos, sendo que nesse interim aconteceram disputas de poder, autoritarismos, resistências, ampliações, supressões, renovações e também criações. O forte sincretismo religioso que encontramos no Brasil atualmente é um bom exemplo dessa mistura de culturas em disputa e em inter-relações.

Ao longo dos séculos, outras referências passaram a fazer parte desse mosaico de influências: pessoas vindas de países europeus (como Espanha, Itália, França, Inglaterra e Alemanha), de países árabes (como Líbano e Síria) e também de países asiáticos (como Japão e China).

Com toda essa diversidade de influências, podemos dizer que a música brasileira não existe no singular, trata-se, portanto, de uma musicalidade ampla, diversa, fruto de diferentes origens e inspirações. Assim como os demais elementos da nossa cultura, a música brasileira deriva de e segue construindo outros tantos momentos históricos. Trata-se de algo que faz parte do cotidiano, do sagrado e do profano: música para festejar, para trabalhar, para chorar, para se despedir, para chegar e para ampliar o mundo.

Se isso em mente, apresentaremos a seguir algumas características musicais dos primeiros povos que fizeram parte da formação étnica brasileira: indígenas, africanos e portugueses, de modo a conhecermos um pouco mais sobre as origens desse tópico tão importante da produção artística nacional.

Acreditamos na potência do trabalho das/os educadoras/es em sala de aula e entendemos que a arte pode ser uma excelente aliada na formação integral das/os estudantes, ajudando-as/os a lidar com as questões que atravessam a infância e a adolescência de nossas/os meninas/os.

Agradecemos sua disponibilidade e parceria, e esperamos poder contribuir para que as/os estudantes possam experimentar de forma significativa o maravilhoso universo da música popular brasileira trazido por esse espetáculo.

Um grande abraço,
Núcleo Caboclinhas



A música dos povos indígenas

Ao falarmos da música dos povos originários do Brasil, é necessário lembrar que não existe um único grupo indígena, são muitos povos com costumes, tradições e hábitos bastante diferentes entre si. Portanto, ao apontarmos algumas características da música indígena, estamos falando de aspectos gerais que não dão conta nem de perto de definir a totalidade de manifestações das diferentes populações existentes.

Também é importante lembrar que, embora estejamos trazendo aqui características musicais construídas há muitos anos e que ainda podem ser encontradas atualmente, existem, hoje, diversas pessoas indígenas de diferentes povos produzindo música contemporânea em inúmeros ritmos, como rock, rap, reggae, samba, dentre outros.



Entre os aspectos da música tradicional dos povos indígenas, temos alguns pontos muito comumente encontrados: um deles é que se trata de uma música bastante conectada ao cotidiano e à vida em sociedade. Ela se faz presente nos momentos de semear e de colher, em processos de cura e também em cerimônias, como os ritos de iniciação, os casamentos, a celebração de nascimentos e as solenidades fúnebres. Assim, é recorrente encontrar em sua composição elementos da natureza e temas religiosos, bem como os ligados à cosmologia indígena.

Além disso, duas características rítmicas bastante evidentes são:

Forma cíclica das melodias que se repetem durante muito tempo, criando um estado de transe durante os rituais;
Presença do pulso marcado sistematicamente, geralmente realizado com os pés e os maracás, o que dá um caráter hipnótico à música.

DICA: Pesquise por pessoas indígenas que trabalham com música atualmente em diferentes ritmos e estilos, apresentando-as às/os estudantes.

Núcleo Caboclinhas

Neste ano de 2023, o Núcleo Caboclinhas completa 16 anos de trajetória comprometida com a pesquisa e a valorização da diversidade cultural brasileira — seus ritmos e musicalidade, literatura, cores, costumes, danças,



brincadeiras e diversas outras manifestações que fazem parte do vasto e rico universo da Cultura Popular Brasileira.

A música dos povos africanos

Assim como acabamos de nos referir à música das populações indígenas, ao falarmos da música africana também é fundamental não fazer generalizações. Trata-se de um continente imenso e com grandes variações entre suas diferentes regiões. Outro ponto importante é, que quando falamos da musicalidade africana no Brasil, temos que lembrar que, entre aquelas/es sequestradas/os e trazidas/os ao nosso país, estavam pessoas oriundas de uma grande diversidade de povos daquele território, mas não de todos. Dessa forma, entendendo que podemos apresentar apenas traços gerais da riqueza presente na música africana trazida ao Brasil, elencamos alguns pontos comumente encontrados, os quais dizem bastante respeito à vida social e espiritual dessas populações. Trata-se de uma música que acompanha os afazeres cotidianos, que é extremamente ligada a elementos da natureza e que tem na dança um componente fundamental.

A forte presença das marcações rítmicas e da polirritmia são características que aparecem no samba, no coco e no bumba meu boi, por exemplo. Outro traço marcante é a presença do canto responsorial em que um “puxador, cantador ou mestre” traz a melodia principal e depois é “respondido” pelo coro e pelos instrumentos. Entre estes, a presença de uma grande variedade de tambores é notável: atabaque, tambu, caixa, djembê, alfaia... são muitos os exemplos!

A música portuguesa

Assim como tantas outras, a música lusitana é fruto de uma diversidade imensa de trocas culturais entre diferentes povos, tendo, por exemplo, influências gregas e árabes, assim como inúmeras referências acumuladas através da migração de populações dos territórios europeus vizinhos. Nesse sentido, podemos dizer que a influência da música trazida pelas/os portuguesas/es para o Brasil concentra elementos de diferentes países, tanto em relação à forma erudita como popular. Muito de nossa musicalidade tem inspiração nas composições francesas e espanholas, por exemplo. Podemos encontrar também elementos da música europeia nos folgedos, como o reisado, o bumba meu boi, a marujada ou os pastoris, e nas danças como o acuriá, as cirandas e as cantigas de roda. Entre os instrumentos de corda mais comuns no Brasil, vários têm origem portuguesa, tais como o cavaquinho, o bandolim, a rabeca, a viola brasileira e o violão.

No entanto, esse movimento também acontece na mão contrária, já que a música portuguesa moderna conta com diversas influências da música brasileira. A troca entre culturas e sonoridades retorna ao país colonizador e influencia a música produzida nessas terras. O fado é um desses frutos, tendo origem no lundu brasileiro que foi levado para Portugal no período colonial.



Esse material foi preparado por cami oliveira e Marina Pontieri, ilustrado por Liu Olivina e diagramado por Mari Moura para o Núcleo Caboclinhas.

EXPERIMENTANDO

Onde mora o ritmo no meu corpo?



Ciranda

Nesta atividade, faremos uma brincadeira com ritmos a partir de duas linguagens: uma parte da turma será responsável por criar sons, enquanto a outra vai se movimentar a partir desses sons criados.

Criando ritmos e sons

O primeiro grupo será responsável pela produção de sons, experimentando ritmos que podem ou não ser inspirados naqueles apresentados durante o espetáculo. Para isso, as crianças devem usar o próprio corpo.

Como inspiração, você pode apresentar a elas um importante grupo brasileiro, o Barbatuques, que propõe há quase 30 anos um trabalho maravilhoso com música corporal. Se quiser encontrar vídeos deles em ação, basta procurar em mecanismos de busca da internet — sugerimos especialmente o videoclipe da música *Só mais um pouquinho*, que pode ser encontrado no canal do grupo no YouTube, e no qual é possível ver as/os integrantes realizando os mais diversos sons corporais, além de ser uma música bastante divertida.

Em seguida, converse com as crianças sobre a produção desses sons. É importante que elas estejam com a escuta atenta em relação ao que as/os colegas estão produzindo. A ideia é experimentar novas sonoridades e ir buscando sintonia entre elas.

É possível dividir esse primeiro grupo em pequenos subgrupos:

- Um que vai fazer apenas sons com a boca (estalos com a língua, vocalizações, sopros, assobios, etc);
- Outro com as mãos (estalando os dedos, batendo palmas de diferentes formas, esfregando as mãos nelas mesmas ou em diferentes partes do corpo, ou batucando ao longo do próprio corpo);
- Outro com os pés (pisando ora mais forte, ora mais fraco, com cada pé de uma vez ou com os dois pés ao mesmo tempo);
- Ou de qualquer maneira que a imaginação das crianças inventar!

Por fim, a/o professor/a ou alguma criança pode ser a/o maestra/o, chamando a cada vez um subgrupo para iniciar ou finalizar o seu som, sobrepondo sonoridades, intercalando e brincando de compor a partir das melodias que estão sendo experimentadas pela turma.

Marchinha

Dançando livremente os ritmos e os sons



Enquanto o primeiro grupo produz os ritmos e os sons, o segundo vai experimentá-los no próprio corpo, mas de outra forma. É interessante preparar o ambiente para a atividade, deixando um bom espaço para as crianças se movimentarem. Proponha que elas fiquem atentas aos sons produzidos pelas/os colegas e evitem conversar durante a atividade. Enquanto experimentam os movimentos, é possível sugerir que as crianças:

- Explore diferentes planos (em pé, agachadas, deitadas);
- Transitem entre velocidades mais rápidas e mais lentas;
- Movam o corpo todo ou apenas algumas partes (articulações, membros superiores ou inferiores, tronco, pescoço, cabeça);
- Investiguem movimentos largos ou curtos, retos ou curvos, contínuos ou fragmentados.

Samba-reggae

ETAPAS

1. Explique a primeira parte da atividade, perguntando para as crianças se elas sabem produzir sons com o próprio corpo, deixando-as investigar livremente;
2. Conte para as crianças que existem musicistas profissionais e experientes que trabalham com sons corporais e apresente o vídeo do Barbatuques;
3. Após assistirem ao vídeo, faça um levantamento com as crianças dos sons que encontraram, deixando que elas experimentem esses sons enquanto os descrevem;
4. Divida a turma em dois grupos e explique a segunda parte da atividade;
5. Faça a atividade com uma turma explorando cada papel e depois troque.



Maxixe



Samba



Carimbó

Qual é o traço da minha dança?

Para esta atividade, você deverá pesquisar três músicas, dentre os ritmos que vimos no espetáculo. Sugerimos o ijexá, a ciranda e o coco, que são ritmos bem diferentes entre si e cujas danças não apresentam grau elevado de dificuldade. Mas, se algum outro ritmo chamou a atenção em especial, seja sua ou das crianças, fique à vontade para trabalhar com ele.

Você vai precisar de tinta guache nas cores primárias: azul, amarelo e vermelho, além de pincéis grossos, fita adesiva larga, barbante, papel sulfite A4 e papel kraft. Também será necessário um aparelho que reproduza música.

A atividade será composta por três momentos de exploração:

1º momento: Em roda com as crianças, proponha uma exploração da pintura ao som do ritmo escolhido (sugestão: coco). Elas podem pintar com as mãos ou com os pincéis, em papéis individuais. Lembre-se: quando dançamos, nosso corpo inteiro se movimenta, não apenas as nossas mãos. Assim, o intuito aqui é que as crianças possam trazer para a pintura a intenção da dança: que ela seja o registro do movimento de cada criança, por isso, pode ficar em pé, dançar, pular ou até bater o pincel no papel.

É importante deixar claro também que o resultado esperado não é o de um desenho figurativo, mas sim o registro em cores dos movimentos da dança. Disponibilize potes com pincéis para cada uma dessas três cores e incentive as crianças a usarem as diferentes opções.

2º momento: Monte em uma parede um painel com papel sulfite, da altura das crianças até o chão. Aqui vamos repetir o exercício anterior, mas agora em grupo. Ao som do ritmo escolhido (sugestão: ijexá), as crianças dançam e pintam, marcando os traços como registro do movimento. Agora, o ideal é que cada uma escolha uma cor diferente e fique só com ela, podendo pintar no papel todo. Explique que, como não estamos desenhando nada figurativo, não tem problema se o traço de uma criança se misturar ao de outra, pois o registro é de todas.

3º momento: Agora faremos novamente o exercício de pintura dançada, mas desta vez com papel kraft estendido no chão, em uma área que comporte todas as crianças juntas. Sugerimos que este exercício seja feito ao som de uma ciranda, que é uma dança coletiva. Peça para que elas fiquem descalças e amarrem com barbante um pincel em cada pé. Disponibilize tinta em bandejinhas para que elas possam mergulhar seus pincéis. Faça a roda em cima do papel kraft. Conforme a ciranda vai acontecendo, a pintura vai surgindo no papel, como um registro do andamento da música.

Ao fim de cada um destes momentos, é importante propor uma conversa com as crianças sobre as impressões que tiveram. Usar as cores primárias também é interessante para pontuar como da mistura de duas delas nasce uma cor secundária e, da mistura de três ou mais, as cores terciárias. Outra conversa importante é a de como, às vezes, a pintura expressa uma emoção, um movimento, um sentimento, e não precisa necessariamente representar um objeto, pessoa ou lugar, além de como cada um se expressa à sua maneira.

Ao fim da sequência de atividades, exponha os painéis lado a lado e deixe que as crianças observem, comparem e tragam impressões sobre o exercício e seu resultado final.

Esses três momentos podem ser uma sequência de atividades em dias seguidos ou alternados. É importante observar que existe um percurso crescente de exploração e, por isso, é importante que a ordem seja respeitada.

ETAPAS

1. Preparação dos materiais;
2. Explicação da proposta;
3. Escolha do espaço e montagem dos painéis;
4. Pintura ao som do ritmo escolhido;
5. Observação dos resultados (para o primeiro momento é necessário montar um painel na parede com os registros individuais. Para os outros, o registro coletivo fica pronto para ser debatido em grupo.);
6. Conversa sobre as impressões das/os alunas/os.



Frevo



Baião



Caboclinhos

Bom trabalho!

REALIZAÇÃO

CABO
NÚCLEOCL
NHAS

COOPERATIVA
PAULISTA
DE TEATRO

fomento
ao teatro

são paulo
capital da
cultura

CIDADE DE
SÃO PAULO

Para saber mais sobre cada ritmo
presente no espetáculo,
escaneie o QRCode:

